UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

EMANUELLE LEITE BARBOSA

“GRANDES” FILHOS, “PEQUENOS” PAIS:

as novas formações estruturais da criança contemporânea junto à desvalorização parental

Campina Grande - PB

2011

EMANUELLE LEITE BARBOSA

“GRANDES” FILHOS, “PEQUENOS” PAIS:

as novas formações estruturais da criança contemporânea junto à desvalorização parental

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Bacharel e Licenciatura em Psicologia.

Orientadora:

Jailma Souto Oliveira da Silva

Campina Grande - PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

B238g Barbosa, Emanuelle Leite.

"Grandes" filhos, "pequenos" pais [manuscrito]: as novas formações estruturais da criança contemporânea junto á desvalorização parental / Emanuelle Leite Barbosa. – 2011.

40 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2011.

"Orientação: Prof. Dra. Jailma Souto Oliveira da Silva, Departamento de Psicologia".

1. Psicologia infantil. 2. Relação pais-filhos. 3. Psicanálise. 4. Família. I. Título.

21. ed. CDD 155.4

EMANUELLE LEITE BARBOSA

"GRANDES" FILHOS, "PEQUENOS" PAIS:

As novas formações estruturais da criança contemporânea junto à desvalorização parental.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Bacharel e Licenciatura em Psicologia.

Aprovada em 22/06/2011

Prof.ª Dra.ª Jailma Souto Oliveira da Silva/ UEPB

Orientadora

Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio / UEPB

Examinador

Prof.ª Ms.ª Roseana Cavalcanti da Cunha / UFPB

Examinadora

Dedico a todos aqueles que já foram um dia crianças

AGRADECIMENTOS

Começo esse votos com uma palavrinha tão simples e tão falada e que às vezes pode parecer tão pouco significativa e em outras uma imensidão de sentimentos. Portanto, digo-lhe muito OBRIGADA! Desde aquele obrigada de um simples pedido “me passa ai esse livro” a um complicado obrigada de um puxão de orelha, por aqueles que me apontaram os defeitos, não para ver a minha tristeza e o meu desamino (mesmo isso estando inseridos no processo), mas,sabendo que me proporcionariam o meu maior crescimento.

O meu primeiro e maior Obrigada, portanto, vai para aquele que me deu a vida que me fortaleceu que me deu entendimento, discernimento, paciência, perseverança e tudo mais de que precisei para concluir mais uma etapa da minha vida, um IMENSO OBRIGADA a Deus. Aos meus queridos pais que me fizeram crescer na fé, tornando-me a pessoa que sou hoje não deixo um único Obrigada mais uma pilha deles, para poder representar a imensidão da minha gratidão. Agradeço também a minhas irmãs Beth, Jú, Cláudia, por serem mais que irmã, tornando-se minhas companheiras e confidentes. Ao meu irmão Matheus que está ao meu lado sempre me ajudando no que preciso. E não esquecendo as minhas avós queridas Celina e Josefa, assim como meus tios Francisco e Brito e minha tia Vetúria que me ajudaram no que precisei para permanecer aqui em campina. Amos muitos todos vocês.

Agradeço aqueles que mesmo longe se fizeram presentes nesse momento tão importante da minha vida como minhas amigas Rafa, Fabi,Nanda, Ju de Gois, Van, Manu e Aline. E aqueles que permaneceram ao meu lado e me ajudaram no que precisei sendo muitas vezes mais que amigos como Elida, Fablícia, Giselle, Jana, Luna, Mag, The, Thaíssa, , e em especial a Marcíllia. As minhas vizinhas Ana, Hort e Angel que juntas formamos uma nova e linda família aqui em Campina Grande. E por fim a toda a minha turma de psicologia por fazerem parte dessa jornada.

Um agradecimento especial a Henrique que se fez presente e enxugou TODAS as minhas lágrimas, e tornou essa etapa da minha vida muito mais fácil. Não lhe deixo um simples obrigada mais um obrigada que vale meu coração. Te amo!

E por fim aos meus mestres, Roseana por ter proporcionado grandes conhecimentos e aprendizados, Edmundo por sempre me encantar e me fazer querer ser sempre uma pessoa mais bem informada. E a mais importante Jailma que confiou em mim, me deu coragem, que mesmo doente se fez mais do que uma orientadora.

RESUMO

Pais e filhos, ora juntos, ora separados ao longo da história. A criança antes ignorada do séc. XII passa a ocupar um lugar de destaque na contemporaneidade, sendo portando, importante perceber através do percurso histórico como este novo sujeito veio a ocupar este lugar e as transformações que isto veio a repercutir na nova estruturação da família contemporânea. Sabe-se que a família humana se constitui pelas relações sociais e passa a ser estruturada a partir dos fatores culturais e que estes últimos fatores irão prevalecer na estruturação dos complexos familiares perpassando por toda a infância do sujeito onde irão desempenhar o papel de "organizadores" do desenvolvimento psíquico. O sujeito na infância, portanto, passará por três complexos que relacionados à família irão constituir a sua estruturação psíquica. Essa só poderá se efetuar pela referência constante à mãe e ao pai, ou àqueles que vieram a ocupar este lugar. No entanto, na modernidade este lugar precisa ser revisto, pois há uma redistribuição dos lugares, incluindo uma mídia a provocar sérias mudanças na estruturação dos novos sujeitos. O par parental se coloca cada vez mais inserido numa jornada de trabalho (podendo muitas vezes ser intensa) possibilitando a construção das novas relações contemporâneas.

Palavras chaves: criança; contemporaneidade; família; psicanálise;

ABSTRACT

Parents and children, sometimes together, sometimes separated throughout history. The child ignored on the century XII comes to occupy a prominent place in contemporary society,and therefore is important to understand through historical as this new guy came to occupy this place and the changes that this came to reverberate in the new structure of the contemporary family. It is known that the human family is constituted by social relations and becomes structured on the basis of cultural factors and that those factors will prevail in the structuring of complex family permeating throughout childhood where the subject will play the role of "organizers" of psychic development. The guy in childhood, therefore, will undergo three complexes that related to the family will be their psychic structure. This can only be effected by constant reference to the mother and father, or those who came to occupy this place. However, in modern times this place needs to be revised, because there is a redistribution of seats, including a media cause serious changes in the structuring of new subjects. The parental pair arises increasingly inserted in a day's work (which can often be intense) allowing the construction of new contemporary relationships.

Keywords: Children, contemporaneity, family, psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS DO CONCEITO DE INFÂNCIA

1.1 A criança da antiguidade 11
1.2 A imagem da criança em ascensão 13
1.3 A criança contemporânea 16

CAPÍTULO II - AS ESTRUTURAS CLÍNICAS DO SUJEITO

2.1 A constituição do complexo de Édipo 20
2.2 A Função familiar x meio social e cultural frente à criança 25

CAPÍTULO III- A CRIANÇA DA CONTEMPORANEIDADE

3.1A desvalorização parental 29
3.2 As novas estruturas familiares 31
3.3 A nova sintomatologia da criança contemporânea. 33

CONSIDERAÇÕES FINAIS 36

REFERÊNCIAS 37

INTRODUÇÃO

O humano é um ser sociável e, portanto, se caracteriza pela linguagem que o leva a estar inserido num contexto cultural. A espécie humana passa a ocupar um lugar de superioridade, onde se constata que as instâncias culturais se sobrepõem as naturais. Ou seja, diferentemente dos animas o homem não está determinado pelos seus instintos. Visto que, Freud (1915), coloca-nos a caracterização dos instintos como uma “necessidade” e o que viria neutralizá-la seria a “satisfação” desse estímulo. O homem em contrapartida tem a capacidade de modificar a pulsão e seus destinos durante sua existência devido às vicissitudes que estes estímulos poderão sofrer a partir das relações internas e externas em que o sujeito está submetido, pois, estes têm a partir do seu sistema nervoso a função de livrar-se ou reduzir esses estímulos.

Lacan (1984) vem nos dizer, que se pode compreender a família humana através da realidade constituída pelas relações sociais. A família passa então a ser estruturada a partir de fatores culturais que irão prevalecer na estruturação dos complexos familiares que perpassam toda a infância de um sujeito, onde irão desempenhar um papel de “organizadores” do desenvolvimento psíquico. O sujeito na infância, portanto, passará por três complexos que relacionados com a família irá constituir a estruturação psíquica do indivíduo. No entanto, para que esta ocorra da melhor forma é preciso buscar entender como se constitui as relações desse novo sujeito e até onde as relações sociais adentraram no seu desenvolvimento. Sendo, neste momento, de grande importância a investigação da imagem da criança junto à família em diversos recortes históricos.

Sabe-se que a criança passou a ser vista de diferentes maneiras na história até os dias de hoje. A criança, antes ignorada do séc. XII passa a ganhar mais importância no séc. XVII com a inserção da educação (ARIÈS, 1981). E a partir disso, novas transformações começaram a ocorrer tornando a criança alvo de inúmeros estudos.

A família passa a concentrar-se em torno desta criança e isso irá culminar no surgimento da família moderna. A criança antes ignorada passa a ocupar um lugar de destaque na contemporaneidade. Mas que lugar especial é esse? A criança

aparece para o mundo de forma bastante exibicionista, e neste momento vem mais algumas perguntas e o par parental? Que lugar ocupa nessa nova constituição? Que família é essa que vem a modificar a formação psíquica da criança?

Este trabalho visa discutir as novas concepções acerca da infância considerando as diversas transformações relevantes ocorridas nos últimos séculos. A partir do estudo da evolução das formações familiares e em conseqüência da ascensão de uma nova imagem da criança, faz-se necessário fazer um resgate da construção do histórico infantil que será exposto no capítulo um.

Constatar como os estudos psicanalíticos irão ajudar a construir a imagem das novas estruturas clínicas desta criança contemporânea, assim como, a partir da observação das mudanças sociais e culturais sofridas nos últimos tempos poder também situar como estas se fizeram presentes e foram de grande relevância nas transformações do núcleo familiar. Tendo destaque a importância da investigação da imagem da criança junto à família ao decorrer dos anos para a construção das relações deste novo sujeito que será desenvolvido no capítulo dois.

E o terceiro capítulo está construído a partir de como se desenvolveu o modelo das novas estruturas familiares que, como se constata, sofre uma desvalorização parental. Tendo em vista o destaque da mídia que se constitui como um dos fatores que mais contribuem para a ascensão desta nova criança que passa a ocupar um lugar destacado. A criança contemporânea passa a apresentar, portanto, uma nova sintomatologia.

Sendo assim, aponta-se a importância de tal revisão bibliográfica para demonstrar como essa mudança da criança se fez percebida e de que maneira pode contribuir no sentido de trazer para a pauta de discussão essas novas formações estruturais. E também constatar a partir das mudanças familiares como a criança ocupa esse novo lugar na família, visto que, a relação triangular pai/mãe/filho se encontra cada vez mais fragilizada nos dias atuais.

CAPÍTULO I

COSIDERAÇÔES HISTÒRICAS DO CONCEITO DE INFÂNCIA

1.1A criança da antiguidade

Ariés (1981) nos conta sobre um tempo na Idade Média (séc. XII) onde as crianças após o período do desmame tornavam-se simplesmente crianças- adultos, ou seja, eram vistas como adultos em miniaturas. A arte medieval revela como as crianças eram ignoradas, não existia uma visão diferente para com as mesmas, elas eram simplesmente inseridas neste mundo, portanto, naquela época inexistia um tratamento específico para ela. E além do mais, nesse momento histórico as crianças eram submetidas após seus sete ou nove anos de idade a realizarem o serviço doméstico e isso não causava nenhuma repugnância na sociedade e nem era visto como algo degradante para a imagem infantil, pois nessa época havia lugares sociais definidos, e a criança tinha um papel a cumprir, predestinado por sua pertença social. Esse tratamento, portanto, era considerado de grande valor para o desenvolvimento desses pequenos aprendizes (ARIÉS, 1981).

O momento histórico aponta-nos também a indiferença entre as classes sociais, visto que o tratamento para com as crianças não se distinguia pelo fato da família ter ou não condições financeiras melhores do que outras. A idéia central era fazer com que as crianças aprendessem boas maneiras e a principal obrigação delas era servir bem seu mestre, pois a partir de então esse transmitiria seus conhecimentos e experiências para fazer desta criança um ser humano com seu "devido valor" em relação a esse período da história. Essa prática pôde ser vista como uma forma muito comum de educação (ARIÈS, 1981).

De uma geração à outra a transmissão de conhecimentos era assegurada pela participação infantil na vida adulta, não cabendo contanto o lugar da instituição escola nessa época. Vale destacar que esses serviços eram prestados a outra família que não a sua, ou seja, as crianças saiam das suas casas e passavam a morar em outra habitação como aprendizes. (ARIÈS, 1981)

Ariès (1981) nos aponta que:

> [...] Assim, a educação se fazia através da aprendizagem, e dava-se a essa noção um sentido muito mais amplo do que se adquiriu mais tarde. As pessoas não conservavam as próprias crianças em casa: enviavam-nas a outras famílias, com ou sem contrato, para que com elas morassem e começassem suas vidas, ou, nesse novo ambiente, aprendessem as maneiras de um cavaleiro ou de um ofício [...] (ARIÈS, 1981, p. 156 –157).

Nessa fase histórica, pode-se constatar que não havia uma aproximação maior entre pais e filhos visto que a relação afetiva entre ambos era moldada muitas vezes pela existência do cumprimento social. Pois “a família era uma realidade moral e social mais do que sentimental” (ARIÉS, 1981, p.158).

A criança pensada como adulto reduzido de tamanho sofria por vezes, uma série de doenças e ficava cada vez mais fraca fisicamente, que culminava por apresentar um alto índice de mortalidade (ANTELO, 1998). A visão negativa que se tinha da criança era bastante perceptível, pois essa era tida como um indivíduo que pudesse ser comandado, já que, era um ser influenciável e de fácil “manejo”. Além disso, “todas as técnicas eram boas para se alcançar objetivos previstos pelos adultos” (FREDA, 1998, p47.) As imagens que se construíam da criança demonstravam indícios negativos com a figura as quais possuíam e com isso a exclusão delas como seres humanos “completos”. Ou seja, as crianças eram representadas a partir de visões adultocêntricas.

A invisibilidade da realidade social da infância se constituiu pela diversificação de representações ligadas ao infantil. Há uma ampla variação das imagens infantis, no entanto, estas se sobrepõem umas as outras e se difundem em diferentes épocas. Sarmento e Vasconcelos (2007), nos trazem duas diferenciações acerca das imagens com o infantil. Eles colocam de um lado as “imagens da criança pré-sociológica” (em que a infância não fazia parte do contexto social) e do outro as “imagens da criança sociologia” (construções contemporâneas). Neste momento, vale destacar as idéias que se obtinham destas imagens com o infantil (de ideais filosóficos e de pensamentos científicos de alguns homens) em especial as das “imagens da criança pré-sociológica” visto que, estas por mais remotas que possam ser continuam a adaptar-se a atividades quotidianas e práticas.

Há, contanto, cinco imagens construídas em torno desses pequeninos que são: a imagem da criança má que seria aquela em que se liga a idéia de “pecado original” está referenciada por Hobbes sobre a condição de verificação dos “excessos” produzidos pelo poder absoluto do Estado pelos cidadãos e do par parental sobre os filhos; a criança inocente que nos traz uma visão mais romântica dessas, onde são vistas como puras, inocentes, cheias de belezas e bondades, onde o paradigma filosófico de Rousseau se faz presente com a proposição de que

“a natureza é genuinamente boa e só a sociedade a perverte.”; a criança imanente que se desenvolve a partir de experiências, essas tidas como uma tabula rasa podendo ser inscrita da maneira como a sociedade lhe prouver, possibilitada pelo filósofo Jonh Locke do sec. XVII.

A criança naturalmente desenvolvida que se instalou devido à psicologia do desenvolvimento (em especial por Piaget), esta imagem já surgiu em meados do séc. XX e houve influências pedagógicas assim como uma preocupação com a saúde e status sociais dessas crianças além de ter também outra proposta ligada ao desenvolvimento científico dessas ligadas a testes que mediriam seu desenvolvimento “natural” e por fim a imagem da criança inconsciente desenvolvida na psicanálise por Freud em que o inconsciente faz parte do desenvolvimento dessas crianças relacionado aos conflitos que surgem entre as figuras maternas e paternas, onde esses pequeninos são visto como seres indissociáveis a essas figuras. (SARMENTO; VASCONCELOS, 2007).

Esse período de invisibilidade histórica infantil fez com que houvesse uma neutralidade da figura da criança. No entanto, Ariès (1981) ao colocar seus interesses voltados a elas fez com que pudessem surgir diversos questionamentos que mudaram consideravelmente o rumo dessa história. Porém, sabe-se que existem criticas sobre a maneira como ele construiu sua teoria acerca do infantil, visto que, ele desenvolveu sua teoria sobre toda a categoria social infantil obtendo apenas registros de crianças das classes mais favorecidas da época (clero e nobreza). Isso fez com que ele eliminasse a heterogeneidade da sociedade, tendo em vista que a multiplicidades de concepções acerca do infantil dependem da variedade a que uma sociedade esta disposta como, por exemplo, a cultura, a diferença social, a religião, o nível de instrução, em suma, a cultura em que a criança esteja inserida. (VASCONCELOS; SARMENTO, 2007).

1.2 A imagem da criança em ascensão

A criança passa a ser introduzida na vida familiar no decorrer dessas transformações. Antes inseridas nas atividades dos adultos, como jogos, festas entre outras atividades peculiares a vida adulta elas passam então a possuir jogos próprios que visaram um afastamento daqueles de caráter nocivos e a ganhar um tratamento especial, onde se vê a necessidade de preservar a infância visto o seu

caráter singelo, inofensivo, sem malícia (ARIÈS, 1981). Com a entrada do séc. XVII muitas mudanças já haviam ocorrido com a imagem das crianças, mas somente entre este séc. e o séc.XVIII é que a idéia de infância se solidifica e assume um caráter único e individualizado que descarta as idéias de adultos incompletos e imperfeitos e se reconhece uma fase própria do desenvolvimento humano (VASCONCELOS; SARNENTO, 2007). A preocupação com o futuro desses pequeninos passa a fazer parte da sociedade e com isso surge a necessidade de se educá-los, visto que, ocorreram transformações no sentimento de família. (ARIÈS, 1981).

A escola, antes reservada ao clérigo, passa a fazer parte da formação desses novos indivíduos devido ao surgimento de uma preocupação em separar esses do mundo sujo dos adultos. Surge também a demanda dos pais de maior aproximação dos filhos, com a preocupação de tê-los mais de perto e assim dispensa-lhes maiores cuidados. (ARIÈS, 1981). O significante do nome “Educação”, contanto, faz surgir o significante do nome “Criança”, em decorrência da preocupação de se produzir futuros adultos convenientes. Ou seja, houve a necessidade de aprimorar esses novos indivíduos para uma nova ordem social que estava se configurando. (CLASTRES, 2003).

Ariés (1981) nos disse que:

> A substituição da aprendizagem pela escola exprime também uma aproximação da família e das crianças, do sentimento da família e do sentimento da infância, outrora separados. A família concentrou-se em torno da criança... O clima sentimental era agora completamente diferente, mas próximo do nosso, como se a família moderna tivesse nascido ao mesmo tempo em que a escola, ou, ao menos, que o hábito geral de educar as crianças na escola (ARIÈS, 1981, p. 159).

A prática escolar passa a vigorar destacando alguns fatores, tendo eles a necessidade de se preservar a inocência infantil, resultando do afastamento das crianças de atividades da vida adulta, entre elas, o contato com a sexualidade (ÁRIES, 1981). Os adultos, como Freud (1908) nos fala, ignoravam a existência de uma atividade sexual na infância e com a inserção da educação passa a se constituir um novo interesse frente a estas questões. Privilegia-se, portanto, a se ter uma prática social que visa instruir, moralizar e educar estes futuros adultos. A educação torna-se parte da vida infantil de caráter social obrigatório (SALGADO, 2005).

Freud (1908) nos diz:

> As pressões da educação e a variável intensidade do instinto sexual certamente permitem grandes variações individuais no comportamento sexual das crianças, e, sobretudo influenciam a época do aparecimento do interesse sexual das crianças (FREUD, 1908, p. 191).

A criança, antes ignorada do séc. XII, ganha mais importância no séc. XVII com a inserção da educação. Há nesse momento um novo olhar para a criança onde a família e a escola percebem que é preciso valorizar estes pequenos indivíduos abrindo espaço para que eles possam ter seus interesses respeitados incluindo a curiosidade e a criatividade infantil. Os pais se inserem como parte do processo educacional das suas próprias crianças e a ter o dever de escolher o colégio, supervisionar os estudos delas e fazer com que elas repitam as lições quando dormirem em casa (ARIÈS, 1981). Essas mudanças se deram tanto pelas modificações na educação infantil como na sociedade em que apresenta novos progressos científicos. A criança a partir dessas transformações ganha seu lugar enquanto sujeito e abertura no campo do saber. (FREDA, 1998). A família constitui-se concentrada em torno dessa criança o que culminou no surgimento da família moderna. (MEIRA, 2004).

Antelo (1998) nos diz que:

> Um novo objeto aparece, a criança, e esta aparição modificará definitivamente a economia libidinal do casal. Os adultos deixam de se ocupar tanto de si mesmos para passar a ocupar destes novos objetos preciosos que lhe reportam um ganho secundário (ANTELO, 1998, p. 85).

Segundo Antelo (1998), nasce neste momento “o sentimento de família conjugal, nasce à intimidade e o segredo, a curiosidade sexual ao redor do coito”. A partir disso, novas transformações começaram a ocorrer tornando a criança alvo de inúmeros estudos e também as levando a buscar desvendar os mistérios sexuais que envolvem seus pais e a chegada de um novo bebê. Surgem então as diversas teorias sexuais infantis que levam esses pequenos à investigação dos fatos. Uma das teorias imaginadas por elas é a de que o nascimento dos bebês estaria de alguma forma, ligado à ingestão de alimentos especiais, inseridos na alimentação de adultos, onde tanto homens como mulheres poderão para seu entendimento ter

filhos. Outras teorias também serão construídas e desconstruídas ao longo destes anos de infância. (FREUD, 1908; 1916; 1917). Essas teorias serão melhores desenvolvidas no capítulo dois onde será discutida a formação do complexo de Édipo.

Com a aproximação da criança no contexto familiar ocorre gradativamente a construção de um novo sentimento. O sentimento de igualdade surge frente aos integrantes da família. Pais e filhos passam a compartilhar decisões. Ocorre uma perda da autoridade parental, antes bastante rígida, e passa a se constituir uma relação visivelmente amigável onde o diálogo começa a fazer parte dessa nova família. Os castigos corporais perdem espaço e a sexualidades não é mais vista como tabu por muitos. No entanto, a família atual se apresenta bastante confusa o que a coloca entre conceitos hierárquicos e outros igualitários sendo essa família igualitária proposta inexistente. (SOUSA, 1997). Visto que, essas mudanças ocorridas no interior da família são cada vez mais visíveis percebe-se também uma inserção da mídia na socialização dessa nova criança que passaremos a designar de criança contemporânea.

1.3 A criança contemporânea

O séc. XX chega e com ele surgem logo nas suas primeiras décadas as "profissões assistenciais" que adentraram nas famílias para fazer parte das funções sociais antes exercidas em maior escala pelos pais. A criança contemporânea assume um lugar privilegiado na sociedade de consumo, como um objeto que contêm um valor de mercado e com isso ganha destaque na mídia. O que leva a esses pequeninos vir a ocupar o lugar de protagonistas nunca exercidos por eles ao longo da história. Há nesse momento uma mudança de papeis onde os filhos a partir desse novo lugar passam a ser indiferentes para com os mais velhos (ANTELO, 1998; SALGADO, 2005).

O afastamento dos pais e a aproximação da mídia estão a provocar sérias mudanças na estruturação psíquica desses novos sujeitos. Através das transformações culturais e subjetivas nas relações humanas contemporâneas os pais se voltam cada vez mais para o mercado de trabalho. As crianças passam a ser cuidadas e educadas por instituições extras - familiares. Elas se constituem, contanto, na imagem de um indivíduo pós-moderno voltado para um consumo

desmedido onde irá surgir uma criança onipotente representada no imaginário infantil (SALGADO, 2005).

A partir das imagens sociais da infância em que Vasconcelos e Sarmento (2007) nos trouxeram pode-se contatar que nesse período da contemporaneidade essas continuam a se fazer presentes em diversas perspectivas da imagem infantil. A criança má é vista nos dias atuais por aquelas de classes populares que passam a propor ou um auxílio nas intervenções paternalistas, ou na adoção de medidas de repressão infantil. A criança inocente entra nesse novo tempo com a idéia de que elas são o “futuro do mundo”, sendo, vistas como aquelas que poderão salvá-lo. A imagem da criança imanente passa a se destacar visto suas concepções desenvolvimentistas, onde se pode promover o crescimento social dessas. Assim como a criança naturalmente desenvolvida que é a imagem mais destacada dessa sociedade contemporânea que busca um entendimento dessas a partir do contexto social juntamente com o seu desenvolvimento individualizado. E por fim a criança inconsciente que se desenvolvem a partir de suas relações internas com o par parental.

Há neste momento um retorno a visão dessas crianças a uma adultização, no entanto, de uma forma bastante modificada. A indústria cultural volta-se para essa nova geração, o que provoca uma complexificação evolutiva das condições de vida das crianças, ou seja, essas passam a sofrer influências da mídia que está a induzir comportamentos agressivos, competitivos e agnósticos (SARMENTO; VASCONCELOS, 2007). Sabe-se que essas transformações das famílias contemporâneas já vêm ocorrendo a algumas décadas e se constata que houve nesse período uma mudança significativa nas taxas de natalidade,sendo essas reduzidas.

As formas de união passam a ser mais diversificadas e também aceitas em maior escala pela sociedade, onde, há uma união livre de casais homossexuais ou heterossexuais, um aumento de divórcios, assim como, um crescimento de nascimentos fora do casamento, que provocam um aumento das famílias monoparentais (onde apenas um indivíduo cuidará da criança) e das famílias reconstituídas (que são aquelas em que duas pessoas, ou mesmo uma delas já possuem filhos de outra união e que agora estão a reconstruir uma nova família a

partir dessa nova comunhão.) (SANTIAGO, 2001).

Antelo (1998) nos coloca:

> A criança como objeto de estudos que requer vigilância permanente dos profissionais, já que a família não oferece suficientes garantias, chega hoje ao seu apogeu. E é nesse contexto que está questão das fronteiras que disputam as disciplinas que privilegiam o *infans*, faz sintoma atual (ANTELO, 1998, p.85).

A infância contemporânea coloca em evidência dois adjetivos autonomia e onipotência que passam a ser expressos pela mídia através de desenho em que a superioridades desses pequeninos toma conta deste mundo imaginário, fantasístico, como também pelo mundo virtual dando a essas uma “individualidade” antes negada pelo par parental. (SALGADO, 2005). Pimenta (2008) nos fala que: “Os sujeitos contemporâneos são sujeitos desinibidos, ou cada vez mais desinibidos. E tudo isso indica que essa desinibição está voltada para um gozo auto-erótico, o gozo do UM.” Este representado por uma era pós-moderna onde há o consumo desmedido que alguns sujeitos procuram para suprimir suas angústias e oprimir a das crianças.

CAPÍTULO II
AS ESTRUTURAS CLÍNICAS DA CRIANÇA.

2.1A constituição do complexo de Édipo.

Para entendermos as formações estruturais da criança na visão psicanalítica é preciso construir e visualizar o processo do desenvolvimento infantil em suas diversas perspectivas sócio-culturais. No entanto, para se chegar a elas carece adentrar-nos na relação existente da criança com as figuras do par parental ao desenrolar da sua vida.

A criança por ser um sujeito em constantes transformações em seu desenvolvimento perpassa por diversas crenças que passam a ser frustradas ou não, para que se constitua a sua estrutura psíquica (FREUD, 1908). A criança inicialmente acredita que exista um grande Outro ao qual ela supõe que não possui falhas, ou seja, que sabe responder a tudo. Esse grande Outro é encarnado primeiramente pela mãe. Essa, a partir da resposta ao desejo do outro, contribuirá de maneira bastante significativa para a estruturação psíquica deste novo sujeito. Pois é na primeira infância que os elementos básicos se estabelecerão. (LACAN, 1984).

A relação que a criança irá estabelecer para com sua mãe no primeiro momento será de completude. Essa se coloca como o falo, pois, acredita ser o objeto que irá tamponar a falta desta mãe. (FREUD, 1905). Para Lacan (1984), esse primeiro momento irá se estabelecer como o complexo do desmame. Sendo esse, o complexo mais primitivo do psiquismo, que grava nele a relação da alimentação como forma de um parasita para que suas necessidades sejam satisfeitas, representando a imago materna, formando assim, os sentimentos mais arcaicos que unem o sujeito à família. A criança então constitui a imago do seio materno (relacionando ao que alimenta), que domina o homem por toda a vida, que satisfaz e preenche o mais primitivo dos desejos.

Segundo Freud (1916-17) “esse sugar importa em fazer o seio materno o primeiro objeto do instinto sexual”. Pois a criança tomará o ato de sugar não somente como uma necessidade de ingestão de alimentos, mas também como um ato prazeroso que a leva a uma satisfação. Esse prazer que a criança obtém será atribuído a uma zona denominada de “zonas erógenas”. Essa imago do seio materno, porém precisa ser sublimada para que possam ser realizadas outras relações com o grupo social para que a formações de novos complexos integrem o

psiquismo. Freud (1916-17) vem nos dizer também que “sugar o seio materno é o ponto de partida de toda a vida sexual ulterior, ao qual a fantasia retorna muitíssimas vezes, em épocas de necessidade”.

Freud (1905) nos fala também que:

> Na época em que a mais primitiva satisfação sexual estava ainda vinculada à nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do corpo próprio, no seio materno. Só mais tarde vem a perdê-lo, talvez justamente na época em que a criança consegue formar para si uma representação global da pessoa a quem pertence o órgão que lhe dispensava satisfação. Em geral, a pulsão sexual torna-se auto-erótica, e só depois de superado o período de latência é que se estabelece a relação originária. Não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objeto é, na verdade um reencontro (FREUD, 1905, p. 210).

Lacan (1984) nos coloca em seguida o período em que a criança passa a perceber a existência de um outro a qual ele acaba reconhecendo como irmão. Esse momento irá ser designado como complexo de intrusão onde se pode ver a questão mais relacionada à fraternidade. A chegada de um irmãozinho provocará sérios conflitos psíquicos na criança, pois, se configura como algo de certa forma traumatizante justamente por sua intrusão. A criança a partir destas novas mudanças é levada a buscar, desvendar os mistérios sexuais que envolvem seus pais e a chegada deste novo bebê (em alguns casos poderá ser uma criança que esteja próxima, não necessariamente um irmãozinho). Surge nessa fase às diversas teorias sexuais infantis que levam as crianças a investigar os fatos. Essas serão construídas em função da resposta que a criança exigiu de seus pais e não lhe foi satisfeita, visto que, esses ou lhe falam de forma mitológica (a fábula da cegonha) da chegada deste novo bebê, ou escapam desses questionamentos sem ao menos dar-lhes importância. (FREUD, 1908).

Freud (1908) diz:

> Sei agora que as alterações sofridas pela mãe no decurso da gravidez não escapam aos olhos aguçados da criança, e que esta é perfeitamente capaz de logo estabelecer uma relação entre o aumento de volume materno e o aparecimento do bebê [...]. A “fábula da cegonha”, portanto, não é uma das teorias sexuais da criança. Sua descrença nela é, ao contrário, fortalecida pela observação dos animais, que tão pouco dissimulam sua vida sexual e aos quais ela se sente tão intimamente ligada (FREUD, 1908, p. 195).

Essas pesquisas que as crianças fazem começaram bem precocemente. A primeira teoria criada por elas é de que não há diferenças anatômicas entre homens e mulheres. Isso fará com que os meninos atribuam um pênis às meninas, no entanto, estas já se vêm diferentes o que as provoca uma inveja para com os que o possuem. A segunda teoria vem se formar quando essas procuram explicar o surgimento dos bebês pela passagem anal o que as levam a atribuir tanto aos homens como as mulheres a possibilidade de gerarem um filho. As crianças criam, portanto, algumas teorias ligadas ao casamento que levam as fantasias de que estes devem estar ligados ao fato do casal praticar atividades conjuntas proporcionadas pelas funções de micção e defecação. E por fim, uma terceira teoria irá surgir caso a criança testemunhe uma relação sexual entre seus pais levando-as a crença de uma concepção sádica do coito, pois ela irá ver esta relação como uma luta entre seus pais. (FREUD, 1908). Essas "teorias sexuais infantis são determinantes para a formação do caráter da criança e do conteúdo de sua neurose futura" (CAMPOS, 2001, p. 181).

Para que essas teorias possam aparecer é preciso que se coloque uma falta entre a mãe e a criança. Ou seja, a mãe tem que faltar para que possa aparecer o desejo do outro e para que o pai possa adentrar nessa relação antes fusional da criança com a mãe. A criança precisa ser possibilitada pela mãe a descobrir que ela não é suficiente para preencher o vazio que essa mãe apresenta e que ela não se constitui como objeto adequado para tamponar a falta (FREUD, 1905). Essa criança deve passar a perceber que se algo pode tamponar essa falta este seria preenchida pelo pai, ou em outras palavras, pelo Nome – do – Pai. O papel do pai passa contanto, a ter sentido se o sujeito apresentar um lugar vazio. Sendo, pois, "a tarefa fundamental do pai é ser uma invenção, um semblante que vem nomear o gozo" (MEIRA, 2004). Pois o desenvolvimento do indivíduo se constitui através de uma relação triangular pai/mãe/filho, e a ausência de um, jamais poderá ser suprido totalmente pelo outro (SOUSA, 1997).

O complexo de Édipo é o principal acontecimento relacionado ao período sexual da infância. A entrada do pai nessa relação mãe-criança é de extrema importância para o desenvolvimento "normal" da criança. A partir desse acontecimento a criança sofrerá uma frustração que poderá ser provocada por

experiências aflitivas, ou mesmo por uma falta de satisfação prevista por ela. A dissolução desse complexo entra em vigor por não ser possível o seu sucesso (FREUD, 1924).

Julien (2002) nos traz a partir de suas leituras de Freud e Lacan como o Complexo de Édipo vem a ser colocado por ambos. Este dividido em três tempos por Freud para melhor apresentar a relações entre as figuras parentais e a criança, tendo como ponto de partida a figura paterna. O pai, para Lacan, vem como foco principal e nos traz três adjetivos que irão adquirir uma maior significação posteriormente. Estes vêm a ser o simbólico, o imaginário e o real. E para isso ele traz uma nova questão que vem através do desejo da mãe e não mais da criança. O complexo de Édipo se estabelece nestes três tempos. O primeiro tempo vem trazer A criança numa relação dual com a mãe que ativa nelas inicialmente o desejo incestuoso e a morte do pai na visão freudiana. Em contrapartida, Lacan acrescenta o além da mãe que abre lugar para que o desejo dessa mãe apareça como mulher, sendo a causa desse desejo ligada ao falo. A criança fica numa posição primeira de ser ou não ser o falo imaginário dessa mãe. E à medida que esta se coloca como faltosa caberá a ela unicamente a transmissão do significante de sua falta e com isso fundar o pai como Nome na ordem simbólica. Caso contrário a criança ocupará o lugar de objeto dessa mãe.

O segundo tempo a entrada do pai irá inserir o complexo de castração na medida que a criança percebe sua diferenciação sexual, onde as meninas já sofrerão a castração e os meninos serão ameaçados com ela. Lacan vem acrescentar a idéia do Pai interditor que barra o desejo primeiro da mãe privando essa do falo simbólico tido como significação de seu desejo. A criança se coloca a questionar o ter ou não ter o falo. “Essa função do pai privador é possível com uma condição: que a mãe tenha um mínimo de respeito pela fala do pai e que ela reconheça em sua própria mensagem à criança a autoridade da mensagem do pai” (JULIEN, 2002, p.69).

E por fim o terceiro tempo traz o declínio desse complexo onde há uma desistência do objeto materno e um aumento narcísico sobre o eu. Visto que, “a cada vez, é o amor do pai a mola propulsora do declínio do complexo de Édipo e de castração.” Nesse tempo entrará para Lacan o real do pai que diferenciado do pai

imaginário terá o falo e doá-lo-á a mãe visto que, está representará para esse homem a mulher e mãe de seus filhos e não somente uma denominação dela. Com isso “simbólico, imaginário e real: esses três nomes definem três dimensões, três registros, três funções da paternidade conforme o original de uma sucessão simbólica, depois imaginária e enfim real” (JULIEN, 2002, p. 63- 64).

Porém, há uma diferença entre o menino e a menina na constituição desse complexo. O Édipo será mais intensificado no menino que irá perceber que sua relação para com sua mãe provocará um sentimento de agressão em relação ao seu pai e, em seguida, um sentimento de temor para com o mesmo, pois a partir dessa convivência ele observará a falta de um pênis em sua mãe. A partir dessa descoberta ele primeiro negará tal fato, pois como vimos às crianças não conseguem perceber a diferenciação dos sexos. No entanto, em seguida ele temerá perder o que têm, possibilitando-o a cair no complexo de castração.

Já as meninas vão sentir-se em desvantagens como a falta desse “pênis”. Elas demonstrarão uma afeição ligada ao pai e uma vontade de excluir sua mãe e tomar o lugar dela, tendo em vista que essa a fez igual a ela. Essa renúncia ao pênis, no entanto, não é aceita assim tão facilmente, pois as meninas procurarão de alguma maneira tentar suprir essa falta, sendo uma das possibilidades, o desejo de ter um filho com seu pai. Essa vontade aos poucos vai perdendo espaço devido a sua impossibilidade de realização trazendo com isso o declínio desse complexo de Édipo. Sabe-se, porém, que esse processo no sexo feminino se apresenta de forma vaga, incompleta e, portanto, insatisfatória. (FREUD, 1915; 1916; 1924).

Freud (1924) nos mostra que:

> A aceitação da possibilidade de castração, seu reconhecimento de que as mulheres eram castradas, punha fim às duas maneiras possíveis de obter satisfação do complexo de Édipo, de vez que ambas acarretavam a perda de seu pênis – a masculina como punição e a feminina como precondição (FREUD, 1924, p196).

A psicanálise, contanto, demonstra através da observação de crianças em especial por Freud que essas apresentam pulsões genitais que são à base desse complexo. Onde essas pulsões estão direcionadas ao sexo oposto, entretanto, não podem ser realizadas, sendo, reprimidas e isso leva a provocar uma frustração na criança como já mencionado. Isso provocará o surgimento de um novo conflito na

criança ligado as suas figuras parentais, onde “o ego da criança volta às costas ao complexo de Édipo”, sendo constituído nesse momento o superego a partir do momento que a autoridade dos pais é introduzida no ego da criança. Essa tensão provocada pelo sujeito será resolvida através de um recalque que se denominou como supereu ou através da sublimação tida como ideal do eu, onde representam o desfecho da crise edipiana. Esse processo teve como finalidade introduzir a fase de latência que paralisa por um período o desenvolvimento sexual infantil. Tanto o supereu como o ideal do eu manifestaram sua importância nos fenômenos relacionados às personalidades. Visto que, é dentro da relação familiar que se constata a importância desses desenvolvimentos (FREUD, 1924; LACAN, 1984).

As estruturas clínicas, contanto, irão ser estabelecidas a partir de como o sujeito se colocará diante da falta e, portanto, da relação que irá estabelecer com o desejo desse outro. Pode-se ser constituído portando três formações estruturais, onde este novo sujeito se estabelecerá ou como neurótico, ou como perverso, ou como psicótico. (MEIRA, 2004). Visto que, o neurótico perpassa por todo o complexo de Édipo, o perverso permanece no segundo tempo que apesar da figura paterna ter adentrado na relação dual esse não consegue se colocar, pois, há uma mãe que não se coloca como faltosa para com seu filho. E o psicótico ficará no primeiro tempo, é a criança que permanecerá na relação fusional com a sua mãe, sendo essa incapaz de desejar algo para além do desejo do outro.

2.2 A função familiar x o meio social e cultural frente à criança.

A família transforma-se profundamente na medida em que muda suas relações internas com a criança (ARIÉS, 1981). Sousa (1997, p. 20) nos diz que a “família é algo universal e, por enquanto, eterno”. E que sua função consiste em preservar os membros de forma física e emocional. O sentimento família surgiu dentro de um espaço privativo, onde, os integrantes passam a construir uma nova relação entre eles, especialmente entre a mãe e a criança. Esse sentimento passa a existir juntamente com o surgimento do sentimento de infância em meados do séc. XV e com ele vem trazer uma série de emoções que irão fazer da família, uma formação tão complexa e de difícil compreensão.

O ser humano é uma “unidade biopsicossocial” e, portanto, fica destacado o papel que a cultura exerce na construção de sua subjetividade (SOUSA, 1997).

Lacan (1984) nos diz que se pode compreender a família humana através da realidade constituída pelas relações sociais e que a família passa então a ser estruturada a partir de fatores culturais que irão prevalecer na estruturação dos complexos familiares que perpassam por toda a infância do indivíduo, onde irão desempenhar um papel de "organizadores" do desenvolvimento psíquico. Ou seja, as relações familiares se encontram relacionadas ao complexo de Édipo. Esse tido como o desencadeador das variações psíquicas e sociais inseridas na família.

A relação da criança com o meio social e cultural perpassa inicialmente pela relação existente entre essa e a sua mãe. A criança primeiramente não estabelece uma diferenciação entre o interno e o externo, pois, está em uma relação fusional com a figura materna. Nesse momento, portanto, elas estão a experimentar uma experiência narcísica, onde não há delimitação de fronteiras e com isso se coloca a relação de onipotência da criança em estabelecer uma relação com o mundo exterior. "Aos poucos, essa experiência narcísica vai abrindo espaço para um processo de delineação das fronteiras entre as demandas internas e externas - passo para a introdução do princípio da realidade- início das tensões entre exigências internas e externas" (SALGADO, 2005, p.01).

Freud (1915-1916) nos diz que:

> Os bebês têm sensações prazerosas no processo de evacuação da urina e das fezes. No entanto, os bebês se defrontam com o mundo externo como força inibidora, hostil ao seu desejo... A criança é obrigada a trocar o prazer pela respeitabilidade social (FREUD, 1915-1916, p.320).

Constata-se, contanto, que a família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura mencionado anteriormente e que é na infância que esta vai desenvolver um papel de extrema importância na formação da subjetividade do ser humano. (SOUSA, 1997). Sendo assim, Lacan (1984), vem constatar que a criança inserida numa estrutura familiar é de extrema importância para a constituição da sua subjetividade. Pois a família é primordial e necessária para a viabilização sujeito-humano. A construção da subjetividade humana é algo muito complexo. Ela só pode se efetuar pela referência constante à mãe e ao pai, ou aqueles que vierem a ocupar esse lugar. A relação parental no momento em que inscreve para o sujeito a relação do pai e da mãe se estabelecerá como a metáfora paterna (MEIRA, 2004).

Vale destacar, portanto, a diferenciação existente entre o feminino e o masculino na evolução cultural e social em diversos países. Com o surgimento da família o homem, ganha espaço e passa a ser visto como o detentor do poder perante os membros de sua família, já a mulher ocupava um lugar de inferioridade. Essa era de propriedade do homem, ou seja, mais um de seus bens. Ela era colocada num segundo plano e suas funções eram legadas aos cuidados dos filhos e da casa. Nessa época os valores familiares eram julgados pelas sociedades constantemente a partir de atribuições dos êxitos e falhas de sua família. As relações entre pais e filhos eram distanciadas, onde os pais se colocavam de maneira superior, tendo em vista uma forma de manter o respeito de seus filhos havendo com isso uma inflexibilidade dos modelos de comportamentos (SOUSA, 1997).

Com a aproximação da criança no contexto familiar passa a ocorrer gradativamente a construção de um novo sentimento. O sentimento de igualdade surge, portanto, frente aos integrantes da família. Pais e filhos passam a compartilhar decisões. Ocorre-se, portanto, uma perda da autoridade parental, antes bastante rígida, e passa a se constituir uma relação visivelmente amigável onde o diálogo começa a fazer parte desta nova família. Os castigos corporais perdem espaço e a sexualidades não é mais vista como tabu por muitos. No entanto, a família atual se apresenta bastante confusa o que a coloca entre conceitos hierárquicos e outros igualitários sendo, portanto, essa família igualitária proposta inexistente (SOUSA, 1997). Freud (1916-17) nos fala sobre o lugar que uma criança ocupa na continuação da família é fator de grande importância na determinação da forma de sua vida posterior, e deve merecer considerações.

CAPÍTULO III
A CRIANÇA DA CONTEMPORANEIDADE

3.1-A desvalorização parental

A imagem de poder antes exercida pelo par parental se enfraquece e isso vem a provocar algumas mudanças dentro das relações familiares. Os papeis entre pais e filhos se invertem e faz com que esses pequenos assumam um lugar de autoridades perante esses novos pais que acabam por ceder às chantagens dos filhos (SOUSA, 1997). No entanto, pode se colocar em evidência como as figuras parentais vêm a provocar o desenvolvimento subjetivo da criança e em que momento percebeu-se um enfraquecimento da autoridade desses pais.

Lacan (1969) em duas notas sobre a criança já colocava o declínio dos pais a partir das utopias comunitárias que fracassavam e a importância da transmissão familiar para a viabilização do sujeito. Ele destaca que essas utopias não impossibilitavam as posições de pai e de mãe de existirem. O fim do patriarcado marca o declínio da imagem paterna assim como as novas formações familiares.

Lacan (1969, *apud* MILLER, 1998) destaca que:

> A função de resíduo que sustenta a família conjugal, na evolução das sociedades, valoriza o irredutível de uma transmissão- que pertence a uma outra ordem, distinta daquela da vida segundo as satisfações das necessidades, que tem uma constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo (LACAN,1969, *apud* MILLER, 1998, p.05).

A partir dessas mudanças nas formas do conjugo, coloca-se em destaque novamente a relação que a criança possui inicialmente com a sua mãe e constata-se que a função que a figura paterna vem a exercer nessa relação é de extrema importância para a “normatização” do sujeito, pois a função do pai irá incidir sobre o desejo dessa mãe. Todavia, isso não é suficiente, pois, a mãe tem que faltar para essa criança, ou mesmo, não ser uma mãe “suficientemente boa” como Winnicott se expressou e para que isto se faça valer essa mãe não pode deixar de desejar enquanto mulher (MILLER, 1998; LAURENT, 2007).

Lacan (1998) nos fala que:

> A distância entre a identificação com o ideal do eu e a parte apreendida do desejo da mãe, se não tem mediação (aquela que, normalmente, a função paterna assegura), deixa a criança aberta a todas as capturas fantasmáticas. Ela torna-se “objeto” da mãe e não tem outra função que não a de revelar a verdade desse objeto.

(LACAN,1998, p.5)

Lacan (1969) nos traz duas possibilidades para a construção da subjetividade humana que vem a ser ou a relação dual da criança com a mãe ou a relação terciária que possibilita a entrada de um Outro. A primeira relação provoca a destruição física e subjetiva do outro, visto que esta não é possibilitada a se constituir como um sujeito desejante, pois é ao desejo da mãe que ela virá a responder. Porém se essa figura materna não se colocar como sendo tudo para essa criança ela possibilitará a entrada do pai tornando possível a criança desejar e a partir disso constituir sua subjetividade (LACAN, 1969).

A criança vem separar no feminino, o ser mãe e o ser mulher. Em contrapartida o objeto criança poderá ou preencher ou dividir o sujeito materno. Caso a criança não divida ela ou será tida como dejeto do par parental ou então ela entrará na numa relação dual com a figura materna. A criança passa a responder de acordo com a fantasia de sua mãe e fica numa situação bem difícil para ela, pois essa não poderá se colocar como um sujeito desejante, visto que ela está a responder por essa mãe (MILLER, 1998).

A função paterna deve ser colocada para esse sujeito como a saída possível dessa relação dual mãe criança. Onde deverá adentrar nessa relação um Outro. O pai poderá, portanto, ser qualificado dando-lhes ora atributos cômicos, ora trágicos. Já O Nome – do – Pai não, pois, se coloca como algo que irá regular a relação entre a estrutura e o sujeito. Desse só se pode concluir se ele funcionou ou não (CLASTRES, 2003). Pois “a função essencial do pai é a de se constituir em um suporte simbólico de separação, para que a mãe não faça de sua criança seu objeto gozo...”. A “metáfora paterna” vem colocar um significante paterno no lugar que o desejo da mãe estava situado (SANTIAGO, 2001).

E segundo Miller (1998):

> A metáfora paterna com a qual Lacan transcreve o Édipo freudiano, não significa somente que o Nome – do – Pai deve reprimir o desejo da mãe, submetendo ao cabresto da lei. A metáfora paterna remete, a meu ver, a uma divisão do desejo a qual impõe, nessa ordem do desejo, que o objeto criança não seja tudo para o sujeito materno, mas que o desejo da mãe deve se dirigir para um homem e ser atraído por ele (MILLER, 1998, p. 7).

Em contrapartida se coloca uma diferenciação entre o pai e o Nome – do – Pai, visto que, esse poderá ser mantido por outro sujeito que faça valer a sua função sem necessariamente ter que ser a figura paterna. Assim como, por exemplo, as mulheres que criam “sozinhas” seus filhos, ou por serem mães solteiras, viúvas, separadas, entre outras formas de conjugo, poderão transmitir o Nome – do – Pai. Atualmente, se constata uma pós- parentalidade, onde já não se recorre ao pai da tradição. Nos dias atuais se constata uma negociação social para que os pais cuidem de seus filhos, tendo em vista a intimidação deste Outro social que toma a frente dessa responsabilidade. (LAURENT, 2007).

Laurent (2007):

> O lugar do pai é o de um resíduo que vem, na condição de nome, recobrir esse impossível. Ser pai não é uma norma, mas sim um ato de conseqüências fastas e nefastas. A filiação contemporânea remete, para além das normas, ao desejo particularizado de que a criança é produto. O pai contemporâneo é um resíduo e um nome, em que continua em jogo o incomensuravelmente passional (LAURENT, 2007, p. 47).

3.2-As novas estruturas familiares

Há mais de três décadas existe uma discussão acerca das transformações familiares contemporâneas que colocam em questão a baixa natalidade, um aumento nas uniões livres, assim como os nascimentos fora do matrimônio e por fim um aumento de divórcios. E com isso pode-se constatar um crescimento nas novas formações familiares, como as famílias monos-parentais e aquelas reconstituídas, vistas anteriormente de forma bastante reduzida na sociedade (SANTIAGO, 2001).

Na contemporaneidade, portanto, a um encolhimento da família sendo essa muitas vezes originada a partir do enorme número de separações e também pelo impacto que os idéais feministas causaram pela revolução sexual que provocou significativas mudanças no ambiente familiar que anteriormente era visualizado como estável, tendo em vista que a função da mulher se constituía basicamente a de uma mulher reprodutora. E isso provoca a “constituição de um grupo incompleto do ponto de vista das tarefas básicas necessárias ao desenvolvimento individual” Pois o desenvolvimento do sujeito se compõe através de uma relação triangular pai/mãe/filho, e a carência de um nunca poderá ser substituído totalmente pelo outro

(Sousa, 1997).

Sousa (1997) nos diz que:

> A existência das partes filho só é possível a partir das partes pai e mãe. Ao nascer, o bebê não tem condições próprias de sobrevivência, necessitando ser alimentado cuidado por outra pessoa. Não basta existirem as partes: é essencial que desempenhe suas funções umas em relação a outras (SOUSA, 19978, p. 63).

Em retorno a essa nova constituição familiar, pode-se estabelecer uma relação bastante fechada entre mãe e filho (visto que a família mono-parental será constituída em maior escala por ambos), possibilitando que estas futuras crianças sejam impedidas de seguir o desenvolvimento da individualidade. Pois a mãe poderá tomar essa criança como sua "propriedade exclusiva" visto que, há também outra maneira de referir-se a esta relação que seria a "produção independente". Sendo, pois, "a família unipessoal uma criação e conseqüência deste final de século." (SOUSA, 1997).

A criança vem separar no feminino, o ser mãe e o ser mulher. Em contrapartida o objeto criança poderá ou preencher ou dividir o sujeito materno. Caso a criança não divida ela ou será tida como dejeto do par parental ou então ela entrará na numa relação dual com a figura materna. A criança passa a responder de acordo com a fantasia de sua mãe e fica numa situação bem difícil para ela, pois esta não poderá se colocar como um sujeito desejante, visto que ela está a responder por esta mãe. Miller (1998, p.9) vem nos dizer que "as devastações subjetivas que podem decorrer dessa dileção materna exclusiva sobre uma criança repercutem muito mais do que a negligência da mulher que trabalha."

A família mono-parental, portanto, possibilitará em maior número uma travessia dessa para a família do recasamento, ou seja, a família reconstituída que se constata ser uma formação bem característica dos novos tempos em que a sociedade se encontrar, junto a essa relação homem-mulher. (SOUSA, 1997). Examinam-se nesse momento, os efeitos destes novos laços parentais a cerca de poder constatar como estes ajudam na constituição da identidade de cada sujeito.

Na pós modernidade se constata além dessas novas transformações familiares um afastamento desses pais e a aproximação de uma mídia que está a

provocar sérias mudanças na estruturação psíquica dos novos sujeitos. Pois através das transformações culturais e subjetivas nas relações humanas contemporâneas os pais se voltam cada vez mais para o mercado de trabalho. As crianças passam a ser cuidadas e educadas por instituições extras- familiares. Essas se constituem, contanto, na imagem de um indivíduo pós-moderno voltado para um consumo desmedido que faz surgir uma criança onipotente representada no imaginário infantil (SALGADO, 2005). “A figura de autoridade se enfraqueceu, os papeis se inverteram e os filhos, incapazes de lidar com a frustração, chantageiam os pais” (SOUSA, 1997, p.28).

Os pais perdem espaço para as indústrias propagandas que tomam a frente na educação dos jovens. E isso faz com que os vínculos sociais e afetivos antes consolidados pela família se enfraqueçam cada vez mais. O que o leva a provocar uma desapropriação das funções parentais tornando a criança protagonista e alvo de privilégio da sociedade de consumo. Os pais antes temidos e reverenciados experimentam um sentimento praticamente oposto na relação de indiferença dos mais jovens. (SALGADO, 2005). Fato que gera a indiferença em via de mão dupla, tanto dos filhos para com os pais, tanto quanto desses em relação ao seus filhos comprometendo as relações estruturais familiares.

3.3-A nova sintomatologia da criança contemporânea.

Segundo Lacan (1969), a criança responde ao que há de sintomático na estrutura familiar. O sintoma da criança, portanto, será representado ou pelo par parental que se apresenta de maneira mais complexa, porém, mais acessível às intervenções psicanalíticas ou pela subjetividade da mãe, que faz com que a criança fique envolvida com a sua fantasia. Sendo assim se constatam dois tipos de sintomas, os relacionados ao par familiar e os que se constroem na relação dual mãe-criança. O sintoma, nessa medida, ou revelará a verdade do casal ou ficará ligada à fantasia da mãe (LACAN, 1969; MILLER, 1998).

Laurent (2007) coloca que:

> a criança é o objeto a, vem no lugar de um objeto a, e é a partir disso que a família se estrutura. Ela não se assenta na metáfora paterna, que era face clásica do complexo de Édipo, e sim na maneira como a criança é objeto de gozo da mãe, da família e da civilização (LAURENT, 2007, p.44).

O lugar que essa criança ocupará refletirá o modo de como seus pais projetam nelas seus ideais e suas frustrações (SANTIAGO, 2001). Pois o que se coloca para as crianças é o mistério que envolve a união de seus pais e com isso a interpretação que esses vão transferir a essa relação. As crianças vão guiar suas escolhas à lógica de sua vida. Há, portanto, uma escolha de gozo que vem a ser determinada pelo sintoma e pela fantasia dos pais (BROUSER, 1997).

A família moderna nos traz como conseqüências de uma produção sintomática desse sujeito infantil a produção de novos sintomas relacionados ao par parental. A conexão atual entre a configuração da família e a configuração do sintoma em um sujeito pode ser tomada no registro da ficção (SANTIAGO, 2001). Segundo Laurent (2007, p. 44), “a criança é o falo nos casos mais favoráveis, em que tem valor”. Ela não será o próprio falo da mãe, porém, se posicionará como objeto que responderá a existência da figura materna. O sintoma somático que a criança apresentará virá como garantia da obtenção desse objeto.

Laurent (2007) nos apresenta como exemplos de sintomas somáticos nas crianças os distúrbios de atenção, a hiperatividade, os distúrbios bipolares, como sintomas poderosos que permite reduzir a questão subjetiva a uma perturbação somática. A psicanálise nos coloca o sintoma como representante da verdade. E se tratando de crianças o seu interesse está em constatar se a criança se encontra possibilitada a ligar de forma íntima a sua queixa sintomática, tendo em contrapartida às eventualidades das figuras parentais que os demonstram à importância de articular o sintoma à estrutura da metáfora paterna (LACAN, 1969; SANTIAGO, 2001).

Na análise com crianças tem se que ela virá sempre como representante do sintoma de um outrem. No entanto para que está seja possibilitada a entrar em análise ela deve se colocar numa posição de objeto que divide e toca o Outro parental com seu sintoma. Ou seja, seu sintoma evidencia a verdade que esta criança é para seus pais tendo em vista que o sintoma é uma forma de manter a existência de uma relação. E no mais é preciso também que haja um sofrimento para esta criança, assim como, um desejo de saber (BROUSSE, 1997). Lima (1997) aponta-nos que a criança se faz valer da linguagem para questionar o Outro sobre sua vida na busca de ser representada pelo significante.

Segundo Santiago (2001, p.95) “é sob o crivo do sintoma que as transformações e as novas expressões que o complexo familiar assume nos dias de hoje, convocam o analista a se colocar como destinatário do material interpretável da condição infantil.” A criança como objeto de estudo passa a requerer vigilância constante dos profissionais, já que a família não lhe dedica suficientes garantias, chega hoje a seu ápice. É nesse contexto que as questões dos limites privilegia o *infans* que faz sintoma atual. (ANTELO, 1998)

A atualidade mostra-nos o indivíduo frente a um exagero de objetos que devem ser adquiridos para que esse seja inserido no mundo pós-moderno. O aumento do consumo passa a provocar nos tempos atuais um movimento bastante diversificado em busca de um gozo que se coloca cada vez mais a mercê do que o mercado está a oferecer. (REQUIZ, 2007). O mundo pós-moderno vive numa corrida sem fim em busca desse gozo absoluto. O sujeito supõe que algum dia já teve um objeto que lhe deu uma grande satisfação, e a partir de tal suposição passa sua vida a procurá-lo. No entanto, sabe-se que o sujeito experimenta diversas perdas de objetos na infância, onde o primeiro objeto de amor perdido é a relação que este tem com a sua mãe. Ele peregrina então a tomar alguns objetos (substitutos) para ocupar o lugar do objeto “a” que foi perdido (LACAN, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade não para de sofrer modificações. A formação familiar e a estruturação dos sujeitos são algumas delas. Através desse estudo pôde-se constatar as mudanças ocorridas e o que elas provocaram no mundo atual em relação a infância. O estudo do percurso histórico trouxe um entendimento acerca dessas transformações pela família que modificou consideravelmente a imagem da criança.

Os resgates da construção histórica assim como as modificações sociais e culturais modificaram a dinâmica do par parental. Com isso se constatou- como os estudos psicanalíticos ajudaram a construir a imagem das novas estruturas clínicas dessas crianças contemporâneas e situou como elas se fizeram presentes e foram de grande relevância nas transformações do núcleo familiar.

A desvalorização do par parental e o destaque da mídia fazem da criança atual, um sujeito desmedido e muitas vezes impossibilitado de aceitar frustrações. Nesse momento, há uma procura de um gozo absoluto que não existe, mas, que é colocada de maneira ilusória para o sujeito, onde os objetos inseridos no mercado provocam a sensação passageira de uma possível completude do sujeito. A criança contemporânea apresenta uma nova sintomatologia correlata a tais transformações sociais.

Sendo assim, aponta-se a importância de tal revisão bibliográfica para demonstrar como essa mudança da criança se fez percebida e de que maneira pode-se contribuir no sentido de trazer para a pauta de discussão essas novas formações estruturais. E também constatar a partir das mudanças familiares como a criança ocupa esse novo lugar na família, visto que, a relação triangular pai/mãe/filho se encontra cada vez mais fragilizada nos dias atuais.

REFERÊNCIAS:

ANTELO, Marcela. O infans na cultura. **Revista Carrossel**, Salvador, ano II, n. 2, 1990, p. 81-87

ARIÈS, Philippe. Da Família Medieval á Família Moderna. In: ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981. p.154-189.

BROUSSE, M-H. Carrossel entrevista M. H. Brousse. **Revista Carrossel**, Salvador, ano I, n. 1, out. 1997, p.9-11.

LIMA, Alba Abreu. A direção do tratamento. **Revista Carrossel**, Salvador, ano I, n. 1, out. 1997, p. 66-70.

PERREIRA, Eva. Uma entrada em análise na clínica com crianças. **Revista Carrossel**, Salvador, ano I, n. 1, out. 1997, p. 77-80.

CLASTRES, Guy. **A criança no adulto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.p.136-140.

CAMPOS, Sergio Passo Ribeiro. A fantasia o infantil e o tempo. **Curinga**. Minas Gerais, v.15, n. 16, abr. 2001, p. 178-182.

FREDA, Francisco Hugo. A criança da Psicanálise. **Revista Carrossel,** Salvador, ano II, n. 2, abr. 1998, p. 46-50.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo. In:_____. **O Ego e o ID e outros trabalhos**. Vol. XIX. Rio de janeiro: Imago, 1996. p.191-193.

FREUD, Sigmund. Conferência XX: A vida sexual dos seres humanos. In:_____. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise** (Parte III). Vol. XVI Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 309-324.

FREUD, Sigmund. Conferência XXI. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: _____. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise** (Parte III). Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 325-342.

FREUD, Sigmund. Sobre as teorias sexuais das crianças. In:_____. **"Gradiva" de Jesen e outros trabalhos**. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 189-204.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre as teorias sexuais. In: _____. Um **Caso de Histeria, Três Ensaios sobre a Sexualidade e outros trabalhos.** Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 119-230.

JULIEN, Philippe. Uma volta ao rochedo freudiano**.** In: _____. **Psicose, perversão, neurose**: a leitura de Jacques Lacan. Rio de janeiro: Companhia de Freud, 2002. p. 61-71.

LACAN, Jacques. Duas notas sobre a criança. **Opção Lacaniana**, v.8, n. 21, abr.

2008, p. 5-6.

LAURENT, E. As novas inscrições do sofrimento da criança. In:_____. **A psicanálise hoje.** Rio de Janeiro: Contra capa livraria, 2007. p. 35-47.

MEIRA, Yolanda Mourão. **As Estruturas Clínicas e a Criança.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MILLER, Jacques- Alain. A criança entre a mulher e a mãe. **Opção Lacaniana.** v. 8 n. 21, abr. 2008, p. 7-12.

RÉQUIZ, Gerardo. **Toxicomania**. Opção Lacaniana, v.4, n. 50, dez. 2007, p.01-09.

SALGADO, Raquel Gonçalves. **A desautorização da autoridade parental na cultura contemporânea: Reflexões sobre a onipotência infantil.** 2005. Disponível em: <http://wwwusers.rdc.puc-rio.br/gips/Nucleo%20Tematico%201/teses/tese raquel/raquel_pretextual.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2011.

SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. A mulher, a mãe, sua criança e outras ficções. **Curinga**. Minas Gerais, v. 15, n.16, abr. 2001.p.94-104.

SOUSA, A. M. N. Família não se usa mais. In: _____. **A família e seu Espaço**: Uma proposta de terapia familiar. Rio de Janeiro: Agir, 1997. p.19 – 33.

SOUSA, A. M. N. A família é um sistema vivo. In: _____. **A família e seu Espaço:** Uma proposta de terapia familiar. Rio de Janeiro: Agir, 1997. p. 61 – 81.

VASCONCELOS, V.M.R; SARMENTO,M.J. **Visibilidade Social e estudo da infância.** Araraguara: J&M Martins, 2007.